

Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade. Goiânia: Gráfica da UFG, 2014. 238 p.¹

Francisco Vieira da Silva

Os discursos variam através do tempo, mas, em cada época, passam por verdadeiros, lembra-nos Veyne (2008), ao cartografar alguns conceitos da obra de Michel Foucault. Na esteira desse pensador, concebemos a verdade como uma construção fortemente sedimentada nas contingências históricas e sociais e, por isso, propensa a modificações pontuais que (re)definem o estatuto do verdadeiro em cada formação histórica. Cientes da não fixidez e transitoriedade do conhecimento (VEYNE, 1998), gostaríamos de encetar esta resenha, reportando-nos à instabilidade que fabrica verdades ventiladas pelos saberes e poderes. Assim, as obras que remetem à perspectiva foucaultiana adotam sobremaneira esses construtos prévios, os quais são nucleares para aqueles que se aventuram pelo pensamento de Michel Foucault. Em função da amplitude do pensamento desse filósofo, corporificada na heterogeneidade de objetos por ele investigados, convém congratular as obras que conseguem ser fiéis à proposta foucaultiana, sem se perder num sem-número de vulgatas e clichês, provenientes de leituras apressadas, desconsiderando, portanto, a complexidade inerente à proposta teórica do autor citado.

Acreditamos que a obra em foco, organizada pelos professores Antônio Fernandes Júnior e Kátia Menezes de Sousa, junta-se a várias outras já lançadas acerca da perspectiva de Michel Foucault na análise dos discursos. Não obstante, o referido livro seleciona um conceito de Foucault que o notabiliza no seio dos outros trabalhos. Trata-se da noção de *dispositivo*, cuja importância no decurso dos escritos foucaultianos é flagrante, mas sobre a qual ainda é necessário lançar diferentes olhares, com vistas a apreendê-la na sua singularidade e na relação com outros conceitos de Foucault. Tendo esse conceito

¹ JÚNIOR, Antônio Fernandes; SOUSA, Kátia Menezes (Orgs.). *Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade.* Goiânia: Gráfica da UFG, 2014. 238 p.

como mote, todos os capítulos da obra (onze, ao todo) partem dessa noção, com vistas a examinar diferentes discursos da atualidade.

Nesse sentido, o primeiro capítulo, de autoria de Pedro Henrique Varoni de Carvalho e Vanice Sargentini, além de mostrar a relação existente entre o conceito de dispositivo e a noção de discurso, exemplifica uma estratégia de utilização de um dispositivo específico – o cinema de ficção – no intuito de analisar os discursos em torno de dois filmes que se integram, quais sejam: *Tropa de Elite 1 e Tropa de Elite 2*. Os autores entendem que esses filmes inserem-se no âmbito de um arquivo por meio do qual buscam redes discursivas que levam ao mundo real, aos discursos constantemente veiculados pela mídia acerca da violência e do tráfico nas favelas cariocas.

O segundo capítulo, escrito por Carlos Piovezani e Luzmara Curcino, reflete a atuação de dois dispositivos contemporâneos: o dispositivo de fala pública e o de leitura de textos oriundos da mídia. Quanto ao primeiro dispositivo, os autores entendem que as transformações sofridas pelos dispositivos do palanque, do rádio e da televisão são decisivas para a constituição do discurso político brasileiro atual, marcado prioritariamente pelo “abrandamento dos tons enfáticos, a decadências dos longos pronunciamentos e a rarefação dos monólogos, em benefício da conversação” (p. 45). Já o dispositivo de leitura na mídia empreende coerções na ordem do olhar, uma vez que, por exemplo, o processo de *imagetização* dos textos midiáticos “incentiva[m] uma relativa deslinearização do olhar, característica do modo pluridimensional de apreensão de imagens” (p. 49). Apesar da aparente relação inconciliável entre os dois dispositivos tratados, poderíamos cogitar a possibilidade de um entrelaçamento entre ambos, na medida em que se caracterizam pela brevidade e efemeridade, em relação ao discurso político e aos modos de ler, em tempos de modernidade líquida (BAUMAN, 2001).

Posteriormente, no capítulo de Antônio Fernandes Júnior, tem-se uma discussão pertinente acerca dos processos de subjetivação construídos na sociedade de controle, em sintonia com os dispositivos de poder atualmente produzidos. O autor analisa a constituição do sujeito na canção *Você só pensa em grana*, de Zeca Baleiro, e demonstra o funcionamento de uma mecânica poder, discursivizada na canção, ligada ao consumo, à lógica utilitarista, ao lazer compulsório. A produção de sujeitos competitivos, em conformidade com os dispositivos de controle contemporâneos,

materializa-se nos discursos presentes na canção. Ao término do texto, o autor problematiza o lugar da poesia e da arte nos dias de hoje: “[...] afinal qual o impacto da poesia e da canção neste mundo onde vivemos?” (p. 66). O texto, envolto numa aura de reticências, termina com uma série de questões, de aberturas, potencialmente decorrentes dos efeitos de sentido advindos da canção analisada.

Posteriormente, o texto de Maria Aparecida Conti pauta-se na noção de dispositivo foucaultiana, a fim de entender a constituição identitária da criança Maria na minissérie *Hoje é dia de Maria* (2005), exibida pela Rede Globo. Vislumbrando um diálogo entre os conceitos de Foucault e a ideia de criança-devir, de Deleuze e Gattari (2012), a autora defende que as imagens da criança na minissérie estudada possibilitam outros sentidos na constituição do ser criança, face aos dispositivos de poder que a atravessam, permitindo novos processos de subjetivação.

Bruno Franceschini e Cleudemar Alves Fernandes discutem, no capítulo seguinte, por meio da análise de discursos circulantes na mídia brasileira contemporânea, os processos de subjetivação que incidem sobre o aluno hiperativo. Os autores apontam, no decorrer da análise, que os saberes que objetivam o sujeito hiperativo e constroem identidades para esse sujeito provêm da instituição médica, no interior da prática discursiva midiática. Nessa lógica, o saber médico diagnostica o aluno hiperativo, dado a ver no âmbito desse dispositivo de saber-poder. Tem-se uma abordagem perspicaz de um tema “naturalizado” nos círculos das discussões pedagógicas.

Adiante, o capítulo de Mara Rúbia de Souza Rodrigues Morais parte da constatação segundo a qual existem formações discursivas distintas, “que se relacionam de maneira diferente com as práticas de recuperação de menores infratores” (p. 109). Nesse intento, a autora procura estudar a função exercida pelos discursos no interior do dispositivo correccional de menores infratores. Da análise efetuada, é possível depreender que esse dispositivo comporta lutas ideológicas responsáveis pelo processo de subjetivação do menor infrator. Com efeito, tem-se uma arena discursiva, na qual se esgrimam posições favoráveis à ressocialização do menor infrator e outras que sinalizam para a redução da maioridade penal. No epicentro dessa disputa, erige-se a constituição do sujeito menor infrator, (re)fundado por meio do dispositivo de correção e dos discursos dele emergentes.

É a partir do funcionamento do dispositivo de segurança que Kátia Mezezes de Sousa desenvolve as reflexões no capítulo seguinte. Para a autora, esse dispositivo atua “por meio de técnicas de saber e de poder, para a efetivação de formas de controle da população empreendida pelo biopoder” (p. 126). Para corroborar as afirmações iniciais, a pesquisadora analisa uma série de discursos que circulam na mídia, os quais enredam um jogo entre o medo e o bem-estar, fazendo mover o dispositivo de segurança no cotidiano urbano. Longe de se prender a apenas um objeto de discurso, a análise da autora aponta para diferentes alvos sobre os quais o dispositivo da segurança age. Desde a segurança pública, passando pelo combate às drogas e pela segurança alimentar, é possível entrever, no exame desses discursos, o exercício de mecanismos de controle do dispositivo em foco. Trata-se, nos termos da autora, de uma rede colocada como a possibilidade de manutenção do bem-estar, de uma vida feliz e prazerosa.

Posteriormente, Denise Gabriel Witzel e João Marcos Mateus Kogawa investigam o dispositivo da virilidade a partir dos procedimentos discursivos utilizados em anúncios publicitários de medicamentos, os quais fabricam o sujeito viril, tendo como trajeto temático a (im)potência sexual e a força física proveniente do consumo de tônicos e suplementos. Entre o ideal viril e seu desempenho sexual coagulam-se discursos através dos quais se constituem modos de ser viril, dadas as contingências históricas e sociais que emolduram esse dispositivo no decorrer do tempo. Observa-se, de acordo com os autores, um movimento que aponta para a medicalização da força viril e do desempenho sexual, amparado pelo saber médico, cujo corolário faz emergir a produção de verdades sobre a virilidade masculina.

No artigo de Pedro Navarro, o foco recobre uma reflexão sobre o dispositivo da sexualidade, corporificado nos discursos acerca da sexualidade feminina em revistas eletrônicas. O autor se preocupa em investigar como os enunciados desses discursos produzem verdades sobre a sexualidade da mulher, caracterizada como uma mulher liberal, disposta a falar abertamente sobre esse aspecto de sua vida. No interior do dispositivo da sexualidade, o texto se encaminha no sentido de mostrar os mecanismos que fazem funcionar tal dispositivo, como a prática da confissão, no esteio da mídia. O efeito produzido por esses discursos “visa a deixar para trás o moralismo antes existente a respeito da sexualidade feminina e, assim, fazer surgir, uma ‘nova mulher’ que,

em tese, tem direito a uma vida sexual saudável e realizada” (p. 192).

O penúltimo texto do livro, de autoria de Humberto Paixão, debruça-se sobre o dispositivo da moda. Para tanto, o autor enseja, mediante a análise de uma matéria publicada na revista *Veja*, entender como a moda pode se constituir enquanto um dispositivo a partir do qual “são fabricados sujeitos aptos a se encaixar na sociedade de controle em que estamos inseridos” (p. 197). Da análise realizada, é possível depreender que a moda não está incólume às coerções e exigências de uma ordem do discurso, alicerçada em saberes e poderes que definem o modo através do qual devemos nos vestir. O dispositivo da moda, portanto, agencia processos de subjetivação, corroborando o enlace existente entre o dispositivo e as formas de construção dos sujeitos, de acordo com o que postula Agamben (2005).

Finalmente, no último capítulo, Nilton Milanez, Cecília Barros-Cairo e Analiyz Pessoa Braz contextualizam a emergência da noção de dispositivo nos estudos desenvolvidos no interior do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Labedisco/CNPq/UESB). O texto constitui-se mais como um relato de experiências do que como um artigo científico, conforme explicitam os próprios autores. Interessados em descrever os estudos e cursos empreendidos em torno dos conceitos foucaultianos no cerne desse grupo de pesquisa, mais precisamente a partir do conceito de dispositivo, os autores advogam em favor da necessidade de buscar subsídios teóricos para o exame de discursos audiovisuais. Nesse sentido, a articulação da abordagem de Foucault com as teorias do cinema é de magna importância na compreensão dos processos discursivos que emergem das materialidades audiovisuais. Conforme sintetizam os autores: “da teoria do discurso faz parte uma teoria do audiovisual” (p. 229).

Como se pode observar nesta síntese, a noção foucaultiana de dispositivo mostra-se produtiva na análise de diferentes discursividades; assim, na confluência com outros conceitos do referido pensador, o dispositivo enreda-se de modo fulcral ao poder e ao saber, os quais estão intimamente interligados à constituição do sujeito. A diversidade de sujeitos advinda das análises realizadas nos capítulos do livro demonstra essa relação.

Muitas são as obras que (re)discutem o pensamento foucaultiano, mas nem todas debatem com profundidade o aspecto singular do aparato teórico desse autor. O livro em foco empreende esse objetivo de modo pertinente e

profícuo, na medida em que esmiúça o dispositivo, sem pretender aprisionar tal conceito em conclusões definitivas, pois aponta para uma problematização das teorias, peça fundamental da engrenagem que faz mover a produção do pensamento com Foucault. Diante de tais constatações, indicamos a leitura desta obra, cujo escopo pode interessar a estudantes e pesquisadores da área de Letras e afins, bem como a todos que se dispuserem a adentrar o universo teórico de Michel Foucault.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. O que um dispositivo?, *Outra travessia*, 5: 9-16, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576>> Acesso em: 20. fev. 2014.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- DELEUZE, Gilles.; GATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. IV. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. Trad. Alda Baltar e M. Auxiliadora Kneipp. 4 ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- _____. *Foucault, o pensamento, a pessoa*. Trad. Luís Lima. Lisboa: Albin Michel, 2008.

Recebido em: 11/02/2015

Aprovado em: 13/03/2016